

## Preâmbulo

Esta publicação digital, bilingue e multimédia – *Marguerite Duras: Palavras e Imagens da Insistência/ Mots et Images de l'Insistance* – completa o «ciclo» iniciado, há um ano, por um projecto integrado no âmbito das actividades de investigação interdisciplinar, de colaboração institucional e de mediação cultural do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILC).

Por ocasião do centenário do nascimento de Marguerite Duras, celebrado em 2014, pareceu-nos que faria sentido fazer dessa efeméride um pretexto para dar a conhecer ou para revisitá-la, tanto na Universidade como para além dela, uma das mais carismáticas escritoras da segunda metade do século XX. Tanto mais que Duras continua a ser uma figura de referência e de interpelação para leitores e artistas contemporâneos, atendendo à sua obra multifacetada, marcada por uma profunda liminaridade, própria de quem se dedicou a um questionamento contínuo de fronteiras e de convenções tanto na literatura, como no cinema, no teatro e até, pontualmente, no jornalismo.

Pretendendo evitar que comemorar significasse uma simples exigência de calendário, como um mero pró-forma de hagiografia laica, a comissão organizadora de “Cem anos com Marguerite Duras: Palavras e Imagens da Insistência”, constituída por mim e por três jovens investigadores e colaboradores do ILC – David Pinho Barros, Joana Rodrigues e Mathilde Ferreira Neves – propôs-se promover e articular actividades que, de um modo amplamente colaborativo, envolvessem não apenas a divulgação, mas também o estudo científico e a abordagem criativa do universo durasiano. O programa completo daquilo que viria a ser genericamente conhecido como “Abril Duras no Porto” (mas que acabaria por extravasar do mês de Abril) continua disponível na internet,

numa página de rede social especificamente concebida para o efeito (<https://www.facebook.com/abrilduras>).

Eis a razão por que neste “Libreto”, assim designado por integrar uma colecção homónima do ILC, se reúnem e se cruzam diferentes vertentes que, por vasos comunicantes, enformaram os sucessivos módulos do projecto.

Num primeiro momento, surgem os artigos resultantes da apresentação e discussão na Jornada Internacional de Estudo, realizada em 24 de Abril de 2014, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Depois das análises da obra cinematográfica e teatral de Marguerite Duras, apresentadas por dois grandes especialistas dos estudos durasianos, Jean Cléder e Arnaud Rykner respectivamente, seguem-se, por ordem cronológica da sua primeira edição, várias revisitações de diferentes filmes, textos e livros da autora de *India Song*. São assim convocados enquadramentos e relações com outros cineastas (Tony Richardson) e pensadores (Blanchot, Derrida, Didi-Hubberman) no âmbito dos estudos cinematográficos (David Pinho Barros, Rita Novas Miranda); analisadas forças motoras da escrita durasiana, como a “temporalidade do encontro e da transmutação”, “a falha”, “a dor”, “a memória” e a “hibridez genológica”, (Elisabete Marques, Mathilde Ferreira Neves, Ana Paula Coutinho e Fátima Outeirinho); explorada a faceta feminista da autora a partir de alguns dos seus paratextos (Adília Carvalho), e proposto também uma espécie de roteiro personalizado em forma de (auto)retrato, cruzando, Platão, Clarice Lispector e a leitura de *L’Amant* (Patrícia Lino). A encerrar este conjunto de ensaios, apresenta-se um estudo sobre algumas das traduções de Marguerite Duras em Portugal (Euarda Keating e Marie-Manuelle Silva), num oportuno balanço da integração desta escritora francesa no sistema literário português, ainda que parcial e naturalmente provisório.

Também para a História da leitura ou da recepção da obra durasiana em Portugal, em especial no nosso universo teatral, contribuem de modo muito implicado os testemunhos dos encenadores, dramaturgos e actores Carlos Pimenta, Nuno Carinhas, Rosa Quiroga e Luís Mestre. Do conjunto das breves apresentações que antecederam sempre as projecções dos filmes do ciclo Duras ao longo de Abril, no Teatro do Campo Alegre ou na Casa das Artes, escolheu-se a leitura de Regina Guimarães, num registo que

deixa adivinhar, de modo muito natural, a sua própria experiência de escrita e de leitura, poética e cinematográfica.

Porque “Abril Duras no Porto” foi pensado e levado a cabo como um projecto de integração, convocando diferentes conhecimentos e expressões artísticas, fazem ainda parte deste libreto, a digitalização de uma edição limitada a partir do livro de artista *Duras dizem Belas* e o link do documentário de Joana Rodrigues justamente intitulado *Abril Duras no Porto*. No primeiro caso, trata-se de um livro com gravuras, integralmente concebido e produzido por um grupo de *Alumni* da Faculdade de Belas-Artes que, em Junho de 2014, expuseram na FLUP os respectivos trabalhos inspirados no universo durasiano, com coordenação científica de Gabriela Machado, que assina também um texto introdutório. O livro integra ainda um ensaio de leitura-escrita a quatro mãos – “Duras Exquise” – da autoria de Ana Paula Coutinho e Joana Matos Frias. Já no documentário *Abril Duras no Porto*, o leitor/espectador desta publicação híbrida encontra, não exactamente uma reportagem, mas antes a composição de uma síntese criativa da cineasta Joana Rodrigues, a partir das filmagens que ela própria fez de todos os eventos com que se celebrou a obra da autora francesa em vários locais da cidade do Porto.

Exposto o contexto e apresentados os princípios e as componentes desta edição, resta-me deixar registado aqui um agradecimento global, em nome da comissão organizadora e do Instituto de Literatura Comparada, a todos os parceiros neste Projecto, congratulando-me pelo facto de um dos seus objectivos – que não o menor – ter sido amplamente cumprido. Refiro-me ao trabalho de colaboração, com um propósito comum, entre áreas afins e Unidades Orgânicas da mesma Universidade; entre diferentes Universidades, nacionais e estrangeiras, e entre a Universidade do Porto e outras instituições e agentes culturais da cidade. Nesse sentido, haverá que reconhecer que “Abril Duras no Porto” deu continuidade e projecção àquela que tem sido a *praxis* geral do ILC.

Impõe-se-me gravar, de igual modo, uma palavra grata a todos aqueles que colaboram com os seus trabalhos nesta publicação, bem como a todos os principais interlocutores neste longo e variado processo, designadamente Graciela Machado, da Faculdade de Belas Artes do Porto.

*Last but not the least*, reservo um agradecimento muito especial ao David, à Joana e à Mathilde por terem aceitado o desafio, lançando-se comigo nesta “aventura durasiana”, cada um com as suas competências académicas e/ou artísticas, impregnadas de um entusiasmo que extravasa de todo o tipo de cálculos. E ainda uma menção, também muito grata, à Lurdes Gonçalves, pela sua dedicação incansável e pelo profissionalismo demonstrado em todas as indispensáveis diligências de bastidores.

Ana Paula Coutinho

Abril de 2015

## Avant-Propos

Cette publication numérique, bilingue et multimédia – *Marguerite Duras: Palavras e Imagens da Insistência/ Mots et images de l'insistance* – clôt le «cycle» initié il y a un an par un projet qui s'intègre dans le cadre des activités de recherche interdisciplinaire, de collaboration institutionnelle et de médiation culturelle de l'*Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILC)*.

À l'occasion du premier centenaire de Marguerite Duras, célébré en 2014, il a paru pertinent de profiter de l'éphéméride pour faire connaître ou pour revisiter, aussi bien à l'Université que hors de ses murs, une des écrivaines les plus charismatiques de la deuxième moitié du XX<sup>ème</sup> siècle. D'autant plus qu'elle continue d'être une figure de proue et d'interpellation pour beaucoup de lecteurs et d'artistes contemporains, grâce à son œuvre multiforme, marquée d'une liminalité propre à qui, comme elle, s'est consacré à un questionnement continu des frontières et des conventions aussi bien en littérature qu'au cinéma, au théâtre et même, ponctuellement, dans le journalisme.

Afin d'éviter que commémorer soit une simple exigence de calendrier, une sorte de *pro-forma* d'hagiographie laïque, la commission organisatrice de «Cent ans avec Marguerite Duras», que j'ai constituée avec trois jeunes chercheurs et collaborateurs de l'ILC – David Pinho Barros, Joana Rodrigues et Mathilde Ferreira Neves – s'est proposée de promouvoir et d'articuler des activités englobant non seulement la divulgation, mais aussi l'étude critique et l'approche créative de l'univers de Marguerite Duras. Le programme complet de ce qui s'est fait connaître comme «Abril Duras no Porto» (même si les activités ont finalement débordé ce mois-là) est toujours disponible sur internet, à la page qui a été créée exprès à cette fin dans un réseau social (<https://www.facebook.com/abrilduras>).

Voici pourquoi dans ce «Libreto» – désigné ainsi car il s'intègre dans une collection homonyme de l'ILC – se réunissent et se croisent différents versants qui, par des vases communicants, ont (in)formé les divers modules de ce projet.

Dans un premier moment, nous avons les articles qui ont résulté des présentations et de la discussion lors de la Journée d'étude qui s'est tenue le 24 avril 2014 à la Faculté de Lettres de l'Université de Porto. Les deux lectures de l'œuvre cinématographique et théâtrale de Marguerite Duras, qui y ont été présentées par deux grands spécialistes des études durassiennes, Jean Cléder et Arnaud Rykner respectivement, sont suivies par d'autres revisitations critiques de différents films, textes et livres de l'auteure d'*India Song*. Non seulement des encadrements et des mises en rapport avec d'autres cinéastes (Tony Richardson) et penseurs (Blanchot, Derrida, Didi-Hubberman) sont convoqués dans le domaine des études cinématographiques (David Pinho Barros, Rita Novas Miranda), mais sont analysées aussi des forces motrices de l'écriture durassienne, telles que la «temporalité de la rencontre et de la transmutation», «la faille», «la douleur», «la mémoire» et l'«hybridité génologique» (Elisabete Marques, Mathilde Ferreira Neves, Ana Paula Coutinho et Maria de Fátima Outeirinho). La facette féministe de cet auteure est analysée à partir de quelques paratextes (Adília Carvalho) et est aussi proposé une espèce de parcours personnalisé sous forme d'(auto)portrait, où se croisent Platon, Clarice Lispector et la lecture de *L'Amant* (Patrícia Lino). Pour clore cet ensemble d'essais, il y a encore une étude sur quelques traductions de Marguerite Duras au Portugal (Eduarda Keating et Marie-Manuelle Silva), dressant un bilan de l'intégration de cette écrivaine française dans le système littéraire portugais, partial toutefois et donc provisoire.

Aussi pour l'Histoire de la lecture ou de la réception de l'œuvre durassienne au Portugal, en particulier dans notre univers théâtral, contribuent les témoignages très impliqués des metteurs-en-scène, des dramaturges et des acteurs Carlos Pimenta, Nuno Carinhas, Rosa Quiroga et Luís Mestre. Parmi les brèves présentations qui ont toujours précédé les projections de films du cycle durassien au cours du mois d'avril, au Teatro do Campo Alegre ou à Casa das Artes, a été choisie ici la lecture de Regina Guimarães, dans un registre qui laisse deviner, d'une façon très naturelle, sa propre expérience d'écriture et de lecture, poétique et cinématographique.

Puisque «Abril Duras no Porto» a été pensé et réalisé comme un projet d'intégration, faisant appel à différentes connaissances et expressions artistiques, ce «Libreto» inclut aussi la digitalisation d'une édition limitée à partir du livre d'artiste *Duras dizem Belas* et le lien pour visionner le documentaire de Joana Rodrigues, justement intitulé *Abril Duras no Porto*. Dans le premier cas, il s'agit d'un livre avec gravures, intégralement conçu et produit par un groupe d'*Alumni* de la Faculté des Beaux-Arts de l'Université de Porto, sous la coordination scientifique de Graciela Machado qui signe aussi un texte d'introduction. Le livre intègre encore un essai de lecture-écriture à 4 mains – «Duras exquisite» d'Ana Paula Coutinho e Joana Matos Frias. En ce qui concerne le documentaire, le lecteur-spectateur de cette publication hybride découvrira non pas exactement un reportage, mais une composition de synthèse, elle aussi créative, de la cinéaste Joana Rodrigues, à partir des filmages qu'elle a faits de tous les événements qui ont célébré Marguerite Duras dans différents espaces de la ville de Porto.

Ayant exposé le contexte général et présenté les principes et les modules de cette édition numérique, il ne me reste qu'à exprimer ici un remerciement global, au nom de la commission organisatrice et au nom de l'ILC, à tous les partenaires de ce projet, avec la conviction d'avoir accompli un de ses buts – et pas le moindre! Je fais là référence au travail de collaboration, autour d'un propos commun, impliquant des domaines connexes et différentes Unités d'enseignement et de recherche de la même Université; entre différentes Universités, nationales et étrangères, et entre l'Université de Porto et d'autres institutions et agents culturels de Porto. En ce sens, il faudra reconnaître que «Abril Duras no Porto» non seulement est resté fidèle à l'esprit, mais a aussi contribué à la projection de la *praxis* de l'Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.

Il convient encore de dédier un mot de reconnaissance à tous ceux qui ont collaboré avec leurs travaux à cette publication, ainsi qu'à tous les principaux interlocuteurs dans ce processus long et varié, notamment à Graciela Machado de la Faculté des Beaux-Arts de Porto.

*Last but not the least*, je réserve un remerciement très spécial à David, à Joana et à Mathilde qui ont accepté ce défi et se sont lancés avec moi dans cette «aventure durassienne», chacun avec ses compétences académiques et artistiques, imprégnées

d'un enthousiasme dépassant tous mes calculs. Et encore une mention de forte reconnaissance à Lurdes Gonçalves, pour son dévouement et son professionnalisme dans toutes les indispensables diligences d'ordre pratique.

Ana Paula Coutinho

Avril 2015